

## GEOGRAFIA CIENTÍFICA E ESCOLAR: PERCEPÇÕES ACADÊMICAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ EM SOBRAL - CE

AdelianeVieira de Oliveira<sup>1</sup>  
Maria do Socorro Sousa e Silva<sup>2</sup>  
Marília de Araújo Fonteneles<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho objetiva perceber a compreensão teórica sobre a Geografia Científica e Escolar alcançada por acadêmicos da disciplina de Introdução ao Pensamento Geográfico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) localizada na cidade de Sobral – CE. Metodologicamente o trabalho encontra-se apoiado na pesquisa qualitativa como principal vertente adotada, como campo de investigação empírica a sala de aula da Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), no ano de 2018, na disciplina Introdução ao Pensamento Geográfico. Do mesmo modo destacamos que o apoio teórico do mesmo encontra-se em autores tais como: Callai (2011); Moraes (1989); Moreira (2014); Mello (2018); Sampaio (2001); Matias (2008); Alarcão (2001); Almeida e Passini (2015); Monteiro (2006) entre outros. Percebemos que o pensamento geográfico é muito importante para a compreensão da ciência geográfica e sua dinâmica de institucionalização enquanto disciplina escolar para a melhor compreensão do mundo. Desse modo consideramos que a articulação de saberes sobre a geografia científica e escolar possibilita uma melhor mediação do saber em sala de aula fazendo com que os alunos, futuros professores de Geografia, consigam instrumentalizar o processo de construção de conhecimento significativo nas aulas de Geografia.

**Palavras-chave:** Geografia Científica. Geografia Escolar. Percepções acadêmicas. Licenciatura em Geografia.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva perceber a compreensão teórica sobre a Geografia Científica e Escolar, alcançada por acadêmicos da disciplina de Introdução ao Pensamento Geográfico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), (Figura 1) localizada na cidade de Sobral – CE, a 238 quilômetros da capital Fortaleza. O nosso foco de pesquisa surge da necessidade de fazer-se conhecer a ciência geográfica e a

---

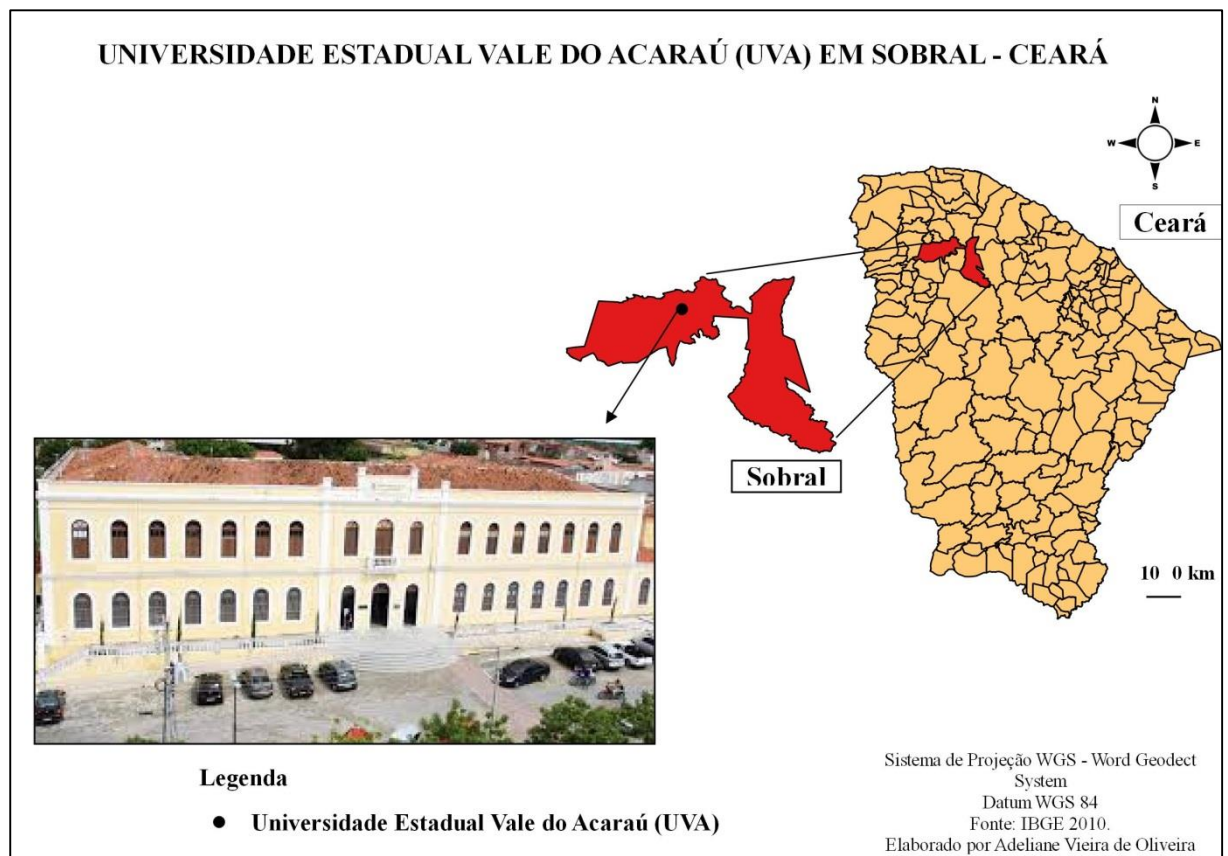
<sup>1</sup>Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC, adelianeoliveira19@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, msserasmo@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, mariliafontenele2015@gmail.com

lógica do seu processo de sistematização bem como sua dinâmica de institucionalização enquanto disciplina universitária e posteriormente disciplina escolar para a melhor compreensão do espaço. Sua necessidade se dá também pelo fato de a Geografia Escolar possuir uma história e estar intimamente ligada ao processo de sistematização da ciência geográfica. Nesse sentido, conhecer os antecedentes históricos dessa ciência é ponto fundamental para uma prática docente coerente e articulada com os conteúdos escolares.

Figura 1: Mapa de Localização da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA



Fonte: Oliveira, 2018.

Nesse sentido este artigo se justifica por corresponder a um esforço de compreender como os acadêmicos da disciplina de Introdução ao Pensamento Geográfico, estão assimilando os conhecimentos que norteiam a Geografia Científica e Escolar. Levamos em consideração que saber a dinâmica de construção e sistematização da Geografia no âmbito científico e escolar é de suma importância para que os licenciandos possam entender os pressupostos que antecedem esse processo, para uma melhor prática em sala de aula. Sobretudo no sentido de garantir a construção de conhecimentos de forma contextualizada.

## METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, pois conforme Minayo (2001, p.21-22), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (...)”. Nesse sentido para a construção do artigo para esta pesquisa fez-se necessário realizar uma revisão bibliográfica para o entendimento do conteúdo explanado na disciplina de Introdução ao Pensamento Geográfico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA em Sobral - CE. Essa revisão facilitou a participação nos debates em sala de aula na perspectiva de compreender a Gênese da Ciência Geográfica e da Geografia Escolar, e perceber como ao longo da história ela vem se construindo. Para isso, foi necessário o apoio teórico em autores tais como: Moraes (1996) Moreira (2006), Callai (2011); Moraes (1989); Moreira (2014); Mello (2018); Sampaio (2001); Matias (2008); Alarcão (2001); Almeida e Passini (2015); Monteiro (2006) entre outros.

Para a empiria do trabalho utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Nesse viés Cruz Neto (2002, p. 03) nos informa que “a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais”. Destacamos que nesse caminho metodológico várias foram as observações participante realizadas, de forma mais intensa por uma das autoras deste trabalho, na condição de licencianda em formação (Figura 2). Nesse ínterim chamamos a atenção para o que nos informa LUDKE e ANDRÉ (1986), ao discutir sobre o fato de que a observação participante enquanto método de investigação também permite ao pesquisador associar outras técnicas de coleta de dados.

**Figura 2:** Debates em sala de aula



Fonte: Silva, 2017.

Efetivamente a observação de cada aula da disciplina de Introdução ao Pensamento Geográfico, ministrada no 2º período do curso, possibilitou interpretar as diferentes reflexões expostas pelos acadêmicos sobre a Geografia Científica. Uma vez que entender a base epistemológica da Geografia é o subsídio necessário para a compreensão do mundo em que vivemos. Desse modo, diante da teoria discutida em sala de aula, dialogamos com os acadêmicos a fim de entender suas concepções acerca do assunto, bem como colhemos dados no diário de campo através das falas dos mesmos. Essa prática nos possibilitou melhor compreensão sobre os saberes construídos pelos licenciandos sobre a Geografia e sua dinâmica científica e escolar. Posteriormente, materializamos nossas interpretações por meio da escrita deste artigo.

## **DESENVOLVIMENTO**

A Geografia e sua institucionalização enquanto ciência teve seu processo de sistematização lento e tardio na visão de alguns autores, vindo a se constituir enquanto ciência mais especificamente no século XIX. No entanto, desde a antiguidade estudos geográficos já eram desenvolvidos, tendo-se iniciado na antiga Grécia. Nesse sentido, grande parte do mundo ocidental era dominado pelos gregos em especial o leste do mediterrâneo.

Os gregos estavam sempre atentos às características dos ventos, que eram importantes para sua navegação em termos de velocidade e segurança. Sobre tais experiências, os gregos deixaram para as futuras gerações, escritos que contavam a sua vivência geográfica. Com o colapso do império Romano, os grandes herdeiros da Geografia grega foram os árabes. Esses geógrafos foram grandes viajantes, o que os favoreceu na produção de importantes estudos descritivos.

Porém, é no início do século XIX, que a Geografia iniciou seu processo de sistematização enquanto ciência. Podemos compreender que sua gênese se dá devido à necessidade de compreensão do mundo, o que nos remonta as grandes navegações e a busca pela conquista de novos territórios. Nesse sentido era necessário investir na aquisição de informações sobre as variadas porções do mundo para que essa nação pudesse de fato se inserir na lógica do modo de produção capitalista e na apropriação de territórios. Compreendemos com isso que a Geografia enquanto conhecimento institucionalizado surge no seio das relações de poder. Em que para se inserir na lógica de dominação capitalista era necessário se utilizar de conhecimentos estratégicos.

Nesse sentido, os pressupostos históricos sobre os processos de sistematização foram se objetivando no seio da constituição e desenvolvimento do modo de produção capitalista, que nessa lógica possuía como fundamento, o conhecimento efetivo do planeta, ou seja, a visão conjunta do globo.

De acordo com Moraes (1989), a possibilidade de conceber e de efetuar uma representação ordenada de todo o planeta e a existência de um cabedal de informações precisas sobre numerosos pontos da superfície terrestre foram os imperativos elementares da sistematização. Desse modo “a possibilidade dessa consciência mundializada foi, sem dúvida, o patamar fundamental da sistematização geográfica” (MORAES, 1989, p. 17).

A Geografia surge na Alemanha de acordo com Ruy Moreira 2014 num cenário de tentativa de unificação desse território fragmentado. Conforme o mesmo autor, essa ciência foi constituída por meio de contribuições do filósofo Emmanuel Kant e do geógrafo alemão Johann Reinhold Forster. À Kant estava a incumbência de estabelecer a epistemologia geográfica, pautada, sobretudo no campo teórico conceitual e a Forster cabia a responsabilidade de estabelecer o método dessa ciência em construção. “Forster e Kant são os sistematizadores da geografia moderna, essencialmente iluminista – Forster no plano teórico-metodológico e Kant no plano epistemológico” (MOREIRA, 2014, p.14).

Kant entendeu que a Geografia contribuía para a compreensão do mundo e Forster estabeleceu que para que isso acontecesse seria necessário a utilização do método analítico por meio do recorte da paisagem. Destacam-se também nesse processo os prussianos Karl Ritter e Alexander Von Humboldt como grandes precursores da gênese geográfica. Ritter destaca-se por padronizar conceitualmente a descrição da terra e Humboldt por produzir normas, conceitos e classificações sobre a superfície terrestre. Esses sujeitos se inserem num contexto de sistematização voltado para o desenvolvimento do capitalismo na Alemanha, uma vez que a questão espacial ou territorial era o principal obstáculo para o desenvolvimento da sociedade alemã na época. Conforme Moraes (1989, p. 70):

Ritter realiza toda uma padronização conceitual que interessa, não apenas à Geografia (cuja primeira formulação sistemática de objeto e método foi obra sua), mas a qualquer descrição da terra. Humboldt produz normas, conceitos e classificações que interessam a um conjunto bastante vasto de ciências; além da Geografia, seu nome ocupa uma posição de destaque na evolução da botânica, da Geologia e da Cartografia, entre outras.

Esse contexto delineia a chegada da Geografia na universidade alemã, no processo de aperfeiçoamento o conhecimento estratégico e sistemático. Assim as discussões se desenvolveram na perspectiva de garantir a constituição de disciplina escolar ao adentrar na

escola. Conforme Sampaio e Vlach (2001) a partir de sua inserção na escola, a Geografia passou a ter a função de mostrar por meio de descrições e mapas, o contorno do país.

A partir de sua inserção na escola, ela passa a ter uma função: mostrar através de descrições, mapas com contorno do país e da observação direta do meio circundante o próprio Estado-Nação, valorizando-o e criando laços de respeito e dedicação à imagem da pátria, para que, se fosse preciso, se lutasse/guerreasse por ela. Assim, a Geografia oficializou-se nas escolas formando o futuro soldado, e/ou, o cidadão. Tornou-se uma Ciência anos mais tarde porque chegou à universidade com a incumbência de formar professores para lecioná-la (SAMPAIO; VLACH 2001, p.01-02).

Nesse sentido a Geografia começou a ser ensinada na escola porque era útil à classe dominante naquele momento histórico em seu sentido estratégico, bem como para afirmar a identidade com a pátria e o patriotismo. O que desempenhou papel de importante influência na construção da Geografia enquanto disciplina escolar nos demais países como é o caso do Brasil.

Nessa perspectiva, buscamos compreender melhor a Geografia escolar no Brasil. Desse modo Sampaio e Vlach (2001) nos informam que:

O ensino ao amor à pátria, talvez um pouco menos carregado de valores militares, teve o intuito de inculcar o nacionalismo patriótico. Visto que a escola pública no Brasil só veio a iniciar depois de 1930, com a expansão urbana, a efetiva formação do mercado nacional, a diversificação do processo de industrialização e a nova exigência dos trabalhadores alfabetizados.

Em 1934, a Geografia chegou ao Brasil com forte influência tradicional francesa nos espaços universitários, principalmente na Universidade de São Paulo. Em seu caráter marcadamente descritivo, a Geografia chega a escola brasileira “com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos, a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico” (MATIAS, 2008, p. 177). Isso se deu uma vez que:

A geografia estava ligada aos interesses políticos e econômicos do Estado-nação. Nas escolas trabalhavam a estruturação mecânica dos fatos, fenômenos e acontecimentos divididos em aspectos físicos, aspectos humanos, aspectos econômicos, de modo a fornecer aos alunos uma descrição das áreas estudadas, sejam de um país, de uma região ou de um continente.

Com o passar do tempo e com a dinâmica das relações, grandes avanços vão sendo percebidos na lógica do pensamento geográfico. Nesse aspecto temos a partir dos anos 1960 muitas manifestações epistemológicas pautadas nas teorias marxistas e na afirmação de uma Geografia crítica em que “não bastava explicar o mundo, era necessário transformá-lo” (MATIAS, 2008, p.177).

Destacam-se nesse período nomes como o de Yves Lacoste, intitulada de Geografia do Subdesenvolvimento, e com essa obra foram surgindo as primeiras ideias de propostas de Geografia crítica no Brasil. Posteriormente nos anos 70 esse país vivenciou uma ditadura militar

e geografia e história foram unificadas em uma única disciplina a de Estudos Sociais, pois o governo militar visava coibir o surgimento de algum movimento, assim se apoiava na ideia de que as duas ciências se configuraram em uma ameaça política.

Justamente nessa década surge o geógrafo brasileiro Milton Santos, que com suas obras como é o caso de “Por uma Geografia Nova” contribuiu de forma emblemática para um novo olhar sobre a leitura do espaço e suas relações. Nesse sentido, seu viés o despertou para estudos sobre as relações sociais e suas repercussões no espaço geográfico. O que conseqüentemente se desdobra na prática do professor de Geografia em sala de aula. Uma vez que não basta apenas decorar nomes de lugares ou símbolos, a Geografia escolar se ergue com a perspectiva de formar sujeito leitores da realidade e atuantes nela.

Visto que, conforme explicitou Cavalcanti (2002, p. 13), “o objeto do estudo geográfico na escola é, pois, o espaço geográfico, entendido como um espaço social, concreto, em movimento”. Nesse aspecto, valorizamos a perspectiva de apreensão do mundo em sua dinâmica tendo como ponto de partida a realidade dos alunos. Nesse sentido, Callai (2011, p. 15) explicita:

A geografia ensinada na escola tem uma história e a sua complexidade advém exatamente daí, pois a Geografia escolar se constitui como um componente do currículo na Educação Básica, e seu ensino se caracteriza pela possibilidade de que os estudantes reconheçam sua identidade e seu pertencimento a um mundo em que a homogeneidade apresentada pelos processos de globalização trata de tornar tudo igual.

Do mesmo modo, refletimos para o fato de que é na escola que essas relações são melhores elaboradas a fim de instrumentalizar os alunos na construção dessas noções e relações espaciais. Visto que “a escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência da cidadania” (ALARCÃO, 2001, p. 18). Nesse sentido, conforme explicitam Almeida e Passini (2015, p. 11), “é na escola que deve ocorrer a aprendizagem espacial voltada para a compreensão das formas pelas quais a sociedade organiza seu espaço – o que será plenamente possível com o uso de representações formais (ou convencionais) desse espaço”.

A valorização do cotidiano dos alunos, por parte do professor, é o ponto de partida fundamental no processo de compreensão dos conteúdos partilhados em sala de aula. Faz com que a Geografia seja percebida na dinâmica da vida dos discentes. Desse modo, “através da educação geográfica busca-se construir uma forma geográfica de pensar que seja mais ampla, mais complexa, e que contribua para a formação dos sujeitos, para que estes realizem

aprendizagens significativas e para que a Geografia seja mais do que mera ilustração” (CALLAI, 2011, p. 18).

É nesse viés de discussão que apontamos a experiência com os discentes em formação, da disciplina Introdução ao Pensamento Geográfico do Curso de Licenciatura em Geografia da UVA. Enquanto alunos em formação, conhecer e compreender esses processos pelos quais passaram a Geografia até se instituir disciplina escolar é de suma importância para garantir uma boa prática docente em sala de aula. Alegamos quanto a necessidade de se formar professores de Geografia possuidores de um arcabouço teórico e uma base epistemológica geográfica sólida para que se possa compreender a dinâmicas espaciais e construir esse conhecimento com outros sujeitos.

Nesse sentido, a seguir estão postos os resultados da pesquisa que conforme já explicitado busca entender como os discentes, futuros professores de Geografia, percebem a disciplina a cima citada, nesse processo de a compreensão teórica sobre a Sistematização geográfica e a Geografia Escolar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O Brasil se abre para debates sobre discussões na perspectiva dessa ciência para o século XXI, principalmente para o processo ensino-aprendizagem. Embora saibamos que em 1998 um dos acontecimentos mais relevância para essa ciência foi a publicação oficial dos objetivos da Geografia ao afirmar que os educandos necessitam conhecer e compreender as relações entre a sociedade a dinâmica da natureza e suas paisagens.

Nesse sentido a partir da realização desse trabalho pudemos perceber que os acadêmicos, durante as aulas na disciplina de Introdução ao Pensamento Geográfico, no contexto dos debates em sala, aos poucos foram ampliando seus conhecimentos e se inquietando através de questionamentos fazendo perguntas e interagindo sobre a Geografia no percurso de sua sistematização. Vejamos um desses momentos na (Figura 3).

**Figura 3:** Exposição da aprendizagem dos alunos





Fonte: Silva, 2017.

Em outras palavras, os conteúdos ao serem explicados pelo docente responsável pela disciplina, simultaneamente as colocações iniciais dos acadêmicos foram emergindo sobre a Geografia como ciência e posteriormente como disciplina escolar. O curioso é perceber que os mesmos se surpreendem, com o aprofundamento da exposição sobre o assunto. Porém, o primeiro comentário é lançado pelo Aluno 1, ao nos relatar: “Durante todo o meu tempo de estudante até chegar no Ensino Médio, eu não imaginava a Geografia desta forma, porque eu aprendi que ela é para falar da natureza envolvendo a vegetação, as águas, rios, relevo, pedras, mapas, e outras coisas mais”<sup>4</sup>.

Essa maneira de interpretar a Geografia, conforme CHERVEL (1990) significa concebê-la no sentido de ser uma área conceituada como descritiva, ou seja, que traz conhecimentos produzidos em outras partes do mundo, descrevendo-os como se eles fossem desligados da realidade. E assim, vindo de encontro com a fala desse acadêmico, pois a ideia era essa mesma, do aluno se desligar de sua realidade cotidiana. Sobretudo, se afastando do cenário político e social da realidade, portanto o ensino foi se fortalecendo com a ideia de que o sentido da Geografia era de descrição da Terra.

Sobre essa concepção, foi importante a exposição para os acadêmicos de que a primeira escola no Brasil a comungar dessa ideia foi o Colégio D. Pedro II no Rio de Janeiro, através da tentativa de assimilação com os Liceus franceses, ou seja, a inserção no modelo francês de características clássicas, mnemônicas e enclípicas. Em adição a isso, o Aluno 2 nos acrescenta: “Com essa disciplina eu tenho aprendido muito. A impressão que eu tenho é de que

---

<sup>4</sup>Entrevista realizada no dia 18/05/17 na ocasião da aula da disciplina Introdução ao Pensamento Geográfico.

aprendi errado sobre o verdadeiro sentido e significado da Geografia”<sup>5</sup>. Desse modo, do ponto de vista de ALBUQUERQUE (2011), a Geografia no Brasil por muito tempo teve um viés conservador atrelado a perspectiva tecnicista que perdurou até os anos de 1970, em plena ditadura militar.

Essa prática conservadora substituída por estudos sociais intentava responder ao sistema vigente que pautava-se numa perspectiva de exaltação à pátria, o fomento ao civismo oficial e a propagação ao regime em vigor. Mediante tais situações impostas, foi-se fortalecendo esse pensamento na escola, para além da formação dos alunos. Nessa perspectiva, leiamos o relato proferido pelo aluno 3 em um dos debates em sala de aula:

Nesta explicação e debate de hoje eu percebo que aos poucos na história foi surgimento a ideia de redemocratização do ensino na perspectiva da geografia escolar. E eu como muito de nós aqui na sala vamos percebendo os acontecimentos e suas relações entre as mudanças, que passaram a dar sentido dessa ciência na área da educação<sup>6</sup>.

Compreende-se que a explanação nas aulas foram decorrendo em seu desenvolvimento alcançando o que se propos inicialmente, pois os acadêmicos diante da exposição do conteúdo a interação passou a se intensificar a cada fala como essa coloca acima, assim foram demonstrando um entendimento baseado nesses momentos da Geografia Escolar, tendo em vista que os mesmos foram os principais alicerces para o uso da prática do professor em suas salas de aula.

E o Aluno 4 questionou sobre “como era o tipo de material usado” destacando que acreditava ser importante imaginar como seria. Tal indagação, foi respondida que evidentemente que toda essa prática de conduzir o ensino de Geografia em sala de aula, estava interligado aos vários materiais e métodos para que isso acontecesse.

Afinal, esse ensino como já destacado anteriormente por Chervel (1990), foi baseado em métodos descritivos e decorativos, por isso um reforço a mais para essa prática com o uso de livros em sua maioria descontextualizado da realidade do aluno, e separado por assuntos, facilitando assim as provas de maneira a decorar os conteúdos, com isso sem nenhuma interação dinâmica, participativa e fluente para mediar os conteúdos em questão.

Conforme afirma Cavalcanti (2002, p. 12-13), “o trabalho com a educação em sala de aula consiste em levar as pessoas em geral os cidadãos a uma consciência da espacialidade das coisas e dos fenômenos que elas vivenciam diretamente”. Mediante este ponto de vista que vem de encontro com a exposição oral do Aluno 5 ao relatar a necessidade de cada vez mais se

---

<sup>5</sup>Entrevista realizada no dia 25/05/17 na ocasião da aula da disciplina Introdução ao Pensamento Geográfico

<sup>6</sup>Entrevista realizada no dia 01/06/17 na ocasião da aula da disciplina Introdução ao Pensamento Geográfico

pensar em mudanças nesse sentido da educação, segundo ele: “porque percebo nesses debates que essa ótica de ver o ensino de Geografia de modo descritivo, ainda perdura nos dias atuais, até na academia exerce essa prática, pouco tem sido feito por alguns profissionais dessa área”<sup>7</sup>.

Essa fala foi impactante porque o debate foi ficando mais efervescente e rico de ideias através de posicionamentos direcionados para possibilidades e desejos ali sendo refletidos e discutidos. Neste sentido, Pimenta (2000, p.92 apud MONTEIRO, 2006, p. 115) reitera que: “(...) o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para nele intervir, transformando-os”.

Percebe-se nessa ótica que sinaliza para o encontro do comentário do Aluno 5 ao informar que: “na atualidade a gente já ver algumas poucas escolas se estruturando para conduzir uma aula bem elaborada pautada em conteúdos teóricos que chama a atenção dos alunos e também traz materiais didáticos diversos para melhorará ainda mais”. Nesse ponto, pode-se afirmar que têm ocorrido avanços como o da tecnologia, a exemplo o uso do retroprojeter, a lousa interativa, a mídia, o filme, a música, textos, produções alternativas e os próprios livros didáticos.

Assim, os debates em sala de aula foram se configurando dentro deste contexto de exposição dos conteúdos entre falas e diálogos daqueles acadêmicos que se encorajavam para participar interagindo com o que se debatia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão dos aspectos que perpassam a história do pensamento geográfico é uma necessidade entre os professores de Geografia. Sobretudo por que faz necessário entendê-lo para se construir uma chave de interpretação sobre a chegada da Geografia à escola na condição de disciplina. A partir desse trabalho pidemos compreender a importância de se construir uma base de conhecimentos sólidos sobre a gênese da Geografia científica e sua prática em sala de aula na escola.

Consideramos com essa pesquisa que os alunos da disciplina de Introdução ao Pensamento Geográfico conseguira avançar na construção do conhecimento geográfico. Essa compreensão está intimamente ligada com a prática docente em Geografia uma vez que precisamos estar munidos teoricamente para podermos mediar a construção do conhecimento. Assim, a articulação de saberes sobre a geografia científica e escolar possibilita uma melhor

---

<sup>7</sup>Entrevista realizada no dia 08/05/17 na ocasião da aula da disciplina Introdução ao Pensamento Geográfico

mediação do saber em sala de aula fazendo com que os alunos, futuros professores de Geografia, consigam instrumentalizar o processo de construção com os alunos nas aulas de Geografia.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de. PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. – 15. Ed., 8ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.
- CALLAI, Helena Copetti. **Educação geográfica: reflexão e prática**. -Ijuí: Ed.Unijuí, 2011.
- MATIAS, Vandeir Robson da Silva. **Abordagem Teórica-metodológica da Geografia Escolar e cotidiano: elementos importantes no processo de ensino e aprendizagem**. Caminhos de Geografia Uberlândia v. 9, n. 27 set/2008 p. 175 - 183
- MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. Uma aproximação à didática do Ensino de Geografia. In: Ana Lúcia dos reis Giometti. (Org.). **Anos iniciais do ensino fundamental: conteúdos e didática de Geografia**. 2ed.São Paulo: UNESP (Cultura acadêmica), 2018, v. 4, p. 19-32.
- MONTEIRO, Silas Borges. Epistemologia da Prática: o professor reflexivo e a pesquisa colaborativa. In: PIMENTA, Selma Garrido. GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. – 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2006.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **A gênese da Geografia moderna**. São Paulo, HUCITEC,1989.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 21-22
- MOREIRA, Ruy. **Para onde vai a história do pensamento geográfico: por uma epistemologia crítica**. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2014.
- SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo.; VLACH, Vânia. Uma Introdução à História da Geografia Escolar Brasileira. In: **8º Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 2001, Santiago de Chile. Anais CD ROM. Santiago: Curso de Geografia da Universidade Nacional de Chile, 2001. v. único. p. 202-208.